

TRANS NA CENA: corpos dissidentes e a decolonialidade no teatro maranhense

TRANS ON STAGE: dissident bodies and decoloniality in Maranhão's theater

Antônio Alexandria Souza Bandeira

antonio.bandeira@discente.ufma.br

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Resumo

Este artigo propõe uma análise sobre decolonialidade na cena teatral maranhense, ao propor diálogos a respeito da inserção e experimentação cênica com pessoas trans* sendo estes participantes atores profissionais ou artistas do cotidiano. Discutindo a problemática acerca da representatividade trans no teatro maranhense, as novas epistemologias trans* e constatando as ausências desta população em processos de experimentação, aprendizagem ou composição de produtos cênicos na cena local. O artigo visa potencializar a reflexão da diversidade dos corpos dissidentes e propor novas concepções sobre epistemologias trans nos espaços artísticos através de percepções do autor e dialogando com conceitos como escriturabilidade trans, transpofagia e desobediências de gênero.

Palavras-chave: Representatividade Trans, Escriturabilidade Trans, Transpofagia, Teatro Maranhense, Corpos Dissidentes.

Abstract

This article proposes an analysis of decoloniality in the Maranhão theater scene, reflecting the insertion and scenic experimentation with transgender people in São Luís - MA, whether these participants are actors professionals or everyday artists. Thinking about the problem of Trans Representativeness in Maranhão Theater, the new trans* epistemologies and noting the absences of this population in experimental processes, learning or composition of scenic products in the local scene. The article aims to enhance reflection on the diversity of dissident bodies and propose new conceptions about trans epistemologies in artistic spaces of the author's perceptions and dialoguing with concepts such as trans writing-living, transpofagic and gender disobedience.

Keyword: Trans representativeness, Trans writing-living, Transpofagic. Maranhão Theater. Dissident Bodies.

CORPOS DISSIDENTES E A CENA

Discussões a respeito das vivências das transgeneridades têm se tornado pauta de reflexões em diversos campos de conhecimento a partir do surgimento de novas epistemologias e proposições de ações que visam compreender a vivência de identidades consideradas dissidentes

em vários espaços sociais. Estas discussões têm se inclinado em compreender como pessoas trans*¹ se relacionam em alguns espaços a partir de suas produções de conhecimento, partindo de um saber que é do próprio indivíduo e reflexo também de toda uma comunidade, corroborando com questões sobre cultura e identidade.

Estas novas epistemologias vêm fomentando a compreensão do sistema de opressão hegemônico no qual estamos inseridos, que geram processos de subversão e estigmatização a partir das heranças coloniais as quais nos foram deixadas em sociedade. Uma herança carregada de normas que subverte a diversidade das identidades, condicionando-as em campos de subalternização e as colocando constantemente em locais de vulnerabilidade. Dessa forma, corroborando com a configuração e amplitude dos movimentos fundamentalistas que estigmatizam, precarizam e excluem as identidades consideradas dissidentes pela norma.

Estas configurações e sistemas excludentes estão presentes nas mais diversas esferas de construção de conhecimento, sejam elas das ciências exatas, ciências humanas ou da própria área artística, que é o local no qual estamos empreendendo está reflexão, para ser mais específico, o teatro. Situações como estas de ausência de representatividade, estigmatização, exclusão e precarização de pessoas trans* sejam elas profissionais do teatro ou artistas do cotidiano, também, colaboram com a exclusão das transgeneridades na cena artística que é realizada e vem se moldando no teatro maranhense.

Ao refletir a existência das identidades - em especial as transgeneridades - e como se localizam na cena maranhense, as questões que vão surgindo nos levaram a analisar de que forma os ideais de corpo e as normativas de gênero se relacionam nos espaços do teatro, como se propagam, de que forma elas coexistem. Nos atentando a necessidade emergente de refletir possíveis práticas herdadas da colonialidade e propor práticas decoloniais para a cena artística local.

Ao usar o termo colonialidade, minha intenção é nomear não somente uma classificação de povos em termos de colonialidade de poder e de gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de subjetivação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos (Lugones, 2014, p. 939).

¹ A palavra trans é utilizada junto a um asterisco para evidenciar as múltiplas identidades que a palavra “trans” pode englobar. (RYAN, 2014), abrindo para a transgeneridade uma maior gama de significações.

Refletir essas identidades na cena teatral local e propor reflexões sobre práticas que de fato sejam decoloniais nos permite dialogar em busca de alternativas que possam tornar a cena local cada vez mais abrangente, além de provocar a necessidade de espaços plurívocas, discutindo as novas epistemologias trans* (Dias, 2020). Estes novos conhecimentos que aqui estão sendo flexionados vêm proporcionando saberes insurgentes sobre as transgeneridades e suas múltiplas identidades se fazem extremamente importantes para reflexão de uma nova cena que seja menos conservadora.

Tendo a consciência que o teatro se caracteriza como um mecanismo e auxilia no diálogo com a sociedade para essas identidades e que traz benefícios como o estímulo a expressividade, o autoconhecimento, a descoberta de si, descoberta do outro se faz necessário discutir a abertura de espaços de experimentação que sejam promotores de equidades e que estimulem novas formas de fazer e pensar artisticamente a fim de compreender e combater os mecanismos de regulação para as identidades dissidentes nos campos de criação artística.

As discussões sobre as transgeneridades têm fomentado questões diversas que vem se tornando pertinentes para este campo de conhecimento em que estamos empreendendo esta discussão. Questões estas que vem possibilitando reflexões sobre os espaços do fazer artístico e a sua abertura para corpos trans* seja nos espaços de ensino, sejam nos palcos, nas curadorias, editoriais em arte etc. Estes espaços citados acima são majoritariamente são protagonizados por pessoas cisgêneras.

Levanto aqui algumas questões que são pertinentes e me atravessam durante toda a elaboração deste material: Como se perpetua o estigma aos “corpos não normativos”? De que forma pode-se possibilitar quebras que reconfiguram o sistema excludente nas práticas e curadorias em artes? Pode-se possibilitar espaços de escuta para as transgeneridades?

Em suma, tanto na prática sociopedagógica, quanto na prática artística, a perspectiva pretende o desenvolvimento afetivo-cognitivo humano. É na escuta das subjetividades e na compreensão e incentivo à relação pessoa-pessoa-contexto que embasamos nossas propostas artístico-pedagógicas. (Simão, Sampaio, p. 666, 2018)

Ao buscar referências que norteiem as minhas concepções sobre as transgeneridades na cena local, observei como a cena maranhense ainda é um ambiente muito restrito para nós transgeneridades e fui beber em fontes que pudessem me proporcionar um novo aprendizado sobre a minha identidade para além das referências locais, principalmente no que diz respeito a

construção de saberes, sejam de outras áreas ou não. Através disso pude observar um novo movimento no que diz respeito ao fazer artístico de pessoas trans e refletir de que forma poderia pensar dentro da cena maranhense.

Através de conhecimentos absorvidos no desenrolar das leituras realizadas sobre as transgeneridades e estudos que discutem novas epistemologias dissidentes pude observar que nossas corpos estão muito mais focadas em propor trabalhos que dialoguem a nossa existência no mundo, afinal, é a única opção que temos, afinal para (Carvalho, 2022) “meu corpo veio antes de mim”. Vale ressaltar que “Nós nos apoderamos daquilo que nos colocam como sendo a única mensagem possível, e nos empoderamos daquilo que a gente pode falar de nós mesmos” (Jesus, 2016, p. 222),

Estas retóricas que buscam a emancipação aos processos de estigma que são vivenciados pelas transgeneridades são a possibilidade de articular novas metodologias de combate que proponham a possibilidade de se pensar um teatro que seja permissivo aos corpos. As práticas hegemônicas e os mecanismos de controle sociais devem estar ausentes dos campos de proposição artística, principalmente se refletirmos a função do teatro em sociedade e o diálogo com as práticas consideradas subversivas ao longo dos anos, tornando o teatro um espaço de articulação e movimento para certas proposições.

Ao levantar tais questões, temos conhecimento de que o cenário de estigma e (des)identificação se enfraquecerá a partir do protagonismo e de seus processos criativos dissidentes nos proporcionando várias formas de pensar e existir os corpos na cena para além da representatividade. Refletir a ausência destas corpos, a historicidade, praticar a escuta ativa e exercer o lugar de fala que busca um movimento de afirmação muito mais de pessoas trans* para pessoas trans* em busca da emancipação de seus corpos, poderão se tornar uma possibilidade de quebra da hegemonia cis-hetero-normativa na cena teatral.

Se faz necessário relembrar que o movimento trans* e a discussão em vários ambientes de proposição artística ou de outras áreas de conhecimento, estão muito mais voltados hoje para refletir essas vivências de forma significativa, presente, a partir de seus conhecimentos em sociedade do que a teorizar, a fim de que não tentem compreendê-las através de conceitos.

Levando em consideração que os nossos corpos escrevem as nossas histórias e se faz necessário propor novas formas de concepção sobre o gênero em sociedade e de como ele pode ser negociado.

Para Kristopher Wells (2017), o gênero é um evento contínuo, que precisa ser constantemente desafiado e questionado através de seu encontro “vivido”. Para ele, isso se torna em uma verdadeira experiência de aprendizado: aquela que está sempre em formação. (Dias, 2020, p. 336)

Está é a importância de discutir as práticas e os corpos dissidentes na cena maranhense e propor através dessas reflexões novos olhares para o espaço teatral a partir de corpos que tanto tem a escrever. De que forma novas práticas podem nos possibilitar combater as normas sociais e possibilitar que as nossas falhas se inscrevam nos espaços? Se faz necessário repensar as formas pelas quais estamos escrevendo nossas histórias e abrir novas possibilidades de construção de conhecimento e identidade no teatro maranhense.

EM BUSCA DE EMANCIPAÇÃO CÊNICA

Após propor questionamentos sobre a cisnorma e o efeito que ela causa nas práticas teatrais através dos processos de subalternação aos quais as transgeneridades são sentenciadas, vamos dialogar a partir de corpos desobedientes que se posicionam de forma contrária as estruturas dominantes colonizadas e tentar possibilitar reflexões em busca de gerar a capacidade de se pensar sobre os corpos trans* enquanto corpos subjulgados, invisíveis e (des)oportunizados na cena maranhense.

Se mesmo após a descolonização funcionamos em uma relação de colonialidade, a descolonialidade, então, seria um caminho para se construir perspectivas próprias, que consideram o percurso colonial, reconhecem seus traços operantes e decidem o que fazer com eles, dentro do escopo permitido pela cultura, que, como já dissemos, também responde a traços coloniais. Como não é possível excluir as influências de uma colonização, o que se espera com a descolonialidade é encontrar uma identidade que não aquela imposta pelos europeus, ainda que suas influências permaneçam”. (Simão; Sampaio, p. 674, 2018)

Através dessas reflexões buscaremos compreender os estigmas gerados e atribuídos às identidades trans, sejam elas transmasculinas, transfemininas ou não-binárias na cena teatral e de que forma dialogando podemos (re)significar essas existências no contexto influenciado por práticas dominadoras e excludentes em sociedade. Práticas estas que são impostas por um sistema colonial que se configura enquanto um opressor em potencial para quem foge a norma, tornando cada vez mais difícil o acesso de pessoas trans na cena teatral profissional.

Todos esses séculos de vivências pautados em corpos normativos nos propuseram efeitos que desencadeiam processos de exclusão, de escassez de oportunidades, sucedendo a ausência e quase não existências das transgeneridades em cena ou quaisquer espaços de teatro que seja, devido as influências dos processos de colonização aos quais fomos submetidos, um sistema onde é perpetuada a cisnormatividade compulsória, levando a comportamentos de estigmatização e exclusão das mais diversas formas de expressões de gênero existentes. Um sistema onde um corpo fora da norma é tido como não recomendado à sociedade.

Ao construir esse diálogo questionei-me sobre a comprovação de um fato que pudesse ter sido excludente para pessoas trans e que pudesse comprovar a cisnormatividade no teatro maranhense. Como comprovar o que já é existente? Seria muito mais me comparar a norma. A minha fala enquanto transmasculino, pesquisador, mestrando pela Universidade Federal do Maranhão em artes cênicas e como um profissional que não pisa em um palco há cerca de 7 anos me deixa respaldado pela falta de espaço. Fui o primeiro homem trans a se formar como professor de teatro no maranhão e isso não muda absolutamente nada.

Não há como trazer relatos de outres aqui neste espaço, pois não foi feito um levantamento formalizado, seria necessário um mapeamento mais abrangente para trazer dados concretos sobre processos de transfobia ou evidências da cisnormatividade, porém, acredito que para a academia seja valido um discurso que é predominantemente transcentrado e que busca propor novas formas de pensamento sobre o ambiente artístico no qual estou inserido. Trago algumas questões pessoais como as colocada acima e relato a experiência brevemente de uma companheira de luta que transicionou no curso de licenciatura em teatro da UFMA e que também tinha suas críticas a cena maranhense.

Em nossos grupos e rodas de diálogos, tanto a minha experiência quanto de outra amiga formada por mais de 10 anos se configura desta forma, acredito que de tantas outras que tentam fazer parte destes ambientes. Hoje ela participa de outra área de conhecimento e retomou a graduação a fim de buscar um ambiente que propusesse oportunidades de forma mais ampla e que fosse mais acessível quanto a realidade dela. São experiências pautadas na minha relação com o mundo e que gostaria de deixar aqui registrado.

Acredito que seja necessário frizar aqui que discussões como estas se fazem importantes, mas se configuram como incipientes em um país que é considerado um dos mais violentos para pessoas trans* no mundo e um Estado que faz parte de uma das regiões mais perigosas para se viver como pessoa trans* segundo a ANTRA (2017). É urgente dialogar a representatividade em todos os espaços e na cena teatral não se faz diferente pois se trata de uma ferramenta de caráter político e social, não excluindo também a formação de opinião na qual a arte teatral propõe a partir de seus significados.

Estes processos excludentes que acometem as identidades trans no teatro não obtiveram enraizamento em nossa sociedade se fundamentando na própria arte e muito menos só no estado do Maranhão. Estes processos de enquadramento que se propagam por todas as camadas da sociedade acabam reverberando no teatro, levando em consideração que o sistema é uma engrenagem e por considerar que a arte é uma ferramenta de reparo desta engrenagem através da reflexão e criticidade da humanidade, esta quebra se faz necessária refletir para que possamos construir novos caminhos e ressignificar as corporalidades na cena ou por trás dela.

A arte é a porta voz de muito de nós no contexto em que estamos inseridos. Felizmente, está problemática relacionada a pessoas trans vem sendo discutida a partir das ciências sociais e conseqüentemente ao longo dos anos tem se perpetuado através de estudos em diversas áreas. Durante muito tempo a presença de pessoas trans vem sendo discutida nas artes e acabamos caindo nas mesmas questões, ausência de oportunidades. Em uma entrevista sobre Representatividade Trans, Renata Carvalho questiona: “Queremos colocar em discussão porque nossas vivências são de tanta comoção nomeio artístico e nossa presença, não é?” Lemos & Gosciolla (2018, p.16).

Após essas sucessivas tentativas de propor representatividade, exercitar o lugar de fala a partir desses corpos, está discussão sobre o corpo na cena se tornou pauta de diálogos propostos por pessoas transgêneras que buscam seu lugar nos espaços das produções artísticas, em busca de combate ao TRANSFAKE² foi se fortalecendo e as pessoas trans ao longo de suas vivências foram reivindicando seus lugares de pertencimento. Lugar este que por muito tempo foram protagonizados por pessoas cis-hetero-normativas.

² Pessoas cisgêneras interpretando pessoas trans em cena

Como marco de atenção da presença de pessoas transgêneras na produção artística brasileira, indicamos o Manifesto Representatividade Trans, Já! Lançado em janeiro de 2018 pelo Movimento Nacional de Artistas Trans (MONART). Nesse documento, artistas transgêneras/os brasileiras/os de todas as linguagens (musical, teatral, da dança, da performance, do audiovisual, do circo etc.) apresentam o argumento de que a presença de pessoas trans no exercício artístico não pode ser substituída ou minorizada pelas duvidosas expressões e pesquisas estéticas de pessoas cisgêneras sobre pessoas transgêneras. (Leal; Rosa, 2020, p. 4)

Este movimento que foi promovido através da iniciativa de Renata Carvalho³ e outras pessoas trans foi se propagando e ganhando força para as discussões que envolvem o campo do nosso conhecimento hoje, cada vez mais pessoas trans* começaram a ter noção da força de seus corpos, da importância de suas falas e não somente suas narrativas em cena. A partir deste movimento que foi proposto é possível atualmente ver nas artes cênicas cada vez mais pessoas trans* presentes e o TRANSFAKE uma prática cada vez menos realizada.

Dessa forma novas abordagens e questionamentos que fundamentam esta luta foram se enraizando através dessas pensadoras/es citados a cima. A mudança deste paradigma tem refletido a presença de pessoas trans não somente nos campos de atuação, mas em todos os campos de composição artística (Leal, 2018). Portanto, é importante destacar aqui que essa discussão se faz cada vez mais necessária no que diz respeito ao acesso e permanência de pessoas trans na cena teatral maranhense ocorra de forma significativa e para além das narrativas pessoais.

Atualmente ao nos deparamos com o termo intitulado transpofagia que dialoga com estas vivências além dos conceitos de representação e representatividade das pessoas trans na cena, refletimos quais processos anticoloniais ele nos apresenta, para além das discussões representativas. O termo surgiu a partir de um espetáculo intitulado Manifesto Transpofágico estreado na 6ª edição da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo e foi escrito, criado e interpretado por Renata Carvalho, uma personalidade travesti que tem sido fundamental na luta contra os processos colonizadores e excludentes no Brasil impostos pelas ideologias dominantes.

Sendo assim, a elaboração posta em jogo pela atriz e dramaturga Renata Carvalho, em Manifesto Transpofágico, alinha-se a uma luta anticolonial de gênero na qual visa-se a não depender do material hegemônico para criar a partir dele. Na transpofagia não é o canibalismo que dá vetor aos processos de criação em performance: as transgeneridades põem em questão cada corpo, cada regionalidade ou seja, ao passo que os ditames de

³ Renata Carvalho é artista travesti, dramaturga e diretora teatral brasileira. Graduanda em ciências sociais e uma das maiores referências no Brasil no que diz respeito ao movimento de luta pela representatividade de pessoas trans nas artes cênicas.

dominação colonial trabalham em uma fantasia com especificidades de gênero e étnico-raciais (normatividade branca e cisgênera), a luta anticolonial conduzida pelas transgeneridades por meio da perspectiva transpófaga prescinde o canibalismo e nos remete à atividade de criação de novos imaginários, em que até mesmo a cisgeneridade é convidada a transicionar gênero. (Leal; Rosa, p. 06, 2020)

Retratar a inserção de corpos trans nos fazeres artísticos não se faz suficiente defronte aos problemas sociais vivenciados hoje pelas pessoas trans, exclusão de direitos básicos a partir de invisibilidades. O ponto é criar pontes que dialoguem para além das práticas existentes, buscando maneiras de descolonizar práticas e conceitos existentes, não os substituindo, mas ressignificando. O passo determinante para combatermos as práticas dominantes de existência é refletir quais efeitos elas provocam sob nossa existência e como os processos de colonização perpetuam até os dias atuais.

Ao trazer as questões de alteridade de si para si e a crescente nestes pontos analíticos, nos são apresentadas como os campos artísticos tem possibilitado estes espaços de (auto)reflexão não somente sobre as perspectivas práticas do fazer artístico, mas principalmente as intrínsecas a nossa existência. Exemplificando como esses processos colonizadores influenciam também nossas noções de corpo, modos de agir, existir e ser no mundo e relatando que as perspectivas estão se voltando para processos de ressignificação da historicidade que atravessa os nossos corpos em busca de um processo descolonizador.

É necessário pensar de que forma poderá se realizar possíveis alternativas emancipatórias. O primeiro passo será o intuito em compreender de que forma está se concretizando essa relação no contexto em que me insiro, São Luís do Maranhão. Qual a forma o teatro atualmente tem se relacionado com essas “corpas” (LEAL, 2020)? Observamos pessoas transgêneras em nossas práticas artísticas, nos lugares de convívio? De que forma se sucede a existência das pessoas trans em práticas teatrais, seja na cena ou por trás da cena? Ao pensar na inclusão, o teatro tem se disponibilizado a sensibilizar ou incluir? Estes questionamentos devem perdurar durante a reflexão sobre nossos universos.

Há que se aventar que a virada de gênero em curso tende a promover uma reconfiguração epistêmica nos repertórios e teorias da cena. Ou seja, não se trata apenas de inserir pessoas trans nos circuitos de produção e consumo da cena, mas verificar a medida em que essas redes de produção e recepção se oxigenam e ganham novas acepções e novos arranjos” (Leal, Rosa, p. 05. 2020)

Ao buscar elencar estas questões a respeito da decolonialidade na cena Maranhense e realocar o pensamento da pessoa transgênera no fazer artístico, surgem demandas referente a presença de corpos considerados “desobedientes” na prática artística e é cabível afirmar que a ausência se sucede por motivos óbvios como: falta de escuta, oportunidade, invisibilidade que suscitam estigmas, normas que tanto empurra estes corpos para a marginalidade nas práticas e criações teatrais. Para refletirmos; o corpo trans vivencia a igualdade e equidade na cena teatral maranhense?

REFLEXÕES PARA CORPOS DESOBEDIENTES

Neste artigo residem reflexões sobre a necessidade de virada sobre o conceito de corporalidades/identidades no teatro maranhense, conseqüente aos fatos que tem ocorrido no mundo, em nosso país, em nosso continente, se faz necessário dialogarmos sobre as transgeneridades e a notável ausência dessas corpos que são consideradas desobedientes na cena teatral. Seja nos ambientes da cena, por trás da cena ou no universo da experimentação do teatro fora da cena. Refletimos sobre como nos localizamos enquanto artistas neste cenário e de que modo podemos suscitar reflexões que reverberam em nosso contexto. É uma tentativa de proposição.

Elencar questões sobre colonialidade, decolonialidade, representatividade, transpofagia e ressignificar certos comportamentos é propor refletir esses modos de subalternização que reforçam estigmas perante os corpos não normativos nos leva a um processo de emancipação cultural, identitário, buscando (re)modelar esses espaços, a partir de novas perspectivas que vem surgindo ao longo dos anos. Levantar estas questões e afirmar novos posicionamentos contra a cisnorma já nos posiciona em um processo de virada identitária, como foi citado em linhas anteriores.

Não existem fórmulas para quebrar os preceitos existentes, mas a pós-modernidade tem nos trazido o questionamento como fórmula para quebra de concretismos existentes sobre as diversas identidades e através disso é possível conhecer como se configuram suas resistências. Pensar sobre os percursos que as pessoas trans* tem trilhado artisticamente e se voltar ao contexto em que estamos inseridos nos possibilita enxergar que a cena maranhense não se expressa totalmente enquanto um espaço de acolhimento para identidades dissidentes.

Ao pensar sobre novas epistemologias nas artes cênicas que busquem desmistificar as barreiras e vê-las como ponte para essa virada teatral, se faz necessário construir pontes e quebrar paradigmas em uma cena que ainda é carregada de conceitos irrigados de cisnormatividade. Afirmamos a necessidade de buscar formas de combater os paradigmas da cisgeneridade em prol da liberdade de novas criações dissidentes e a partir dessas novas criações possibilitar diálogos para o teatro a partir das narrativas de pessoas trans*.

Não é sobre ditar soluções para problemas existentes -final ainda estamos construindo estas pontes - mas propor novos olhares e possibilitar caminhos a partir da necessidade de fomentar novas práticas e processos imersivos no teatro maranhense. É permitir que o questionamento direcionado as estruturas dominantes ocorram e propor uma transição de dentro para fora, nos livrando das amarras predeterminadas pelos estigmas sociais e transcender as limitações impostas para então construirmos novos caminhos.

É de suma importância ao finalizar essas reflexões que empreendemos aqui afirmar que esta análise se empreende em um contexto específico, porém, não é um problema específico de um local somente, levando em consideração que para nós pessoas trans o mundo como um todo não é acolhedor e muito menos permissivo. Ainda é necessário quebrar muitas barreiras que infelizmente estão construídas em nossa direção.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Renata. **Manifesto Transpofágico**. São Paulo: Editora Casa 1, 2022. ROSA, Guimarães.
- JESUS, J. G. de. **As guerras de pensamento não ocorrerão nas universidades**. In: COLLING, L. Dis-sidências sexuais e de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 217-232
- LEMOS JR., U.; GOSCIOLA, V. **Representando a representatividade**. In: Revista Aspas. 8(1), 2018. p. 98-107. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v8i1p98-107>. Acesso em: 01 de mar. de 2021.
- LEAL, Dodi; ROSA, André. **Transgeneridades em Performance: desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas**. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 10, n. 3, e97755, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266097755>. Acesso em: 14 de maio de 2021.
- LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

RYAN, H. **What does trans* mean, and where did it come from?** [Web log post]. Slate.2014. Disponível em: http://www.slate.com/blogs/outward/2014/01/10/trans_what_does_it_mean_and_where_did_it_come_from.html. Acesso em: 18 fev. 2024.

SIMÃO & SAMPAIO. **Corpo e Descolonialidade em Composição Poética Cênica**. In: Rev. Bras. Estud. Presença vol.8 no.4. Porto Alegre Oct./Dec; 2018. P- 665-690. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266078809>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

Artigo submetido em 21/01/2024, e aceito em 21/02/2024.